

**ENLACES DO CADERNO G:
JORNALISMO CULTURAL E OS GÊNEROS VIGENTES**

Rhayene de Andrade¹
Franciele Luzia de Oliveira Orsatto²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise do caderno G da *Gazeta do Povo*, que traz diariamente aos seus leitores as mais diversas matérias sobre música, teatro, cinema e outras manifestações culturais. A pesquisa baseia-se na história do jornalismo cultural nos jornais diários no Brasil e fora dele. O trabalho é destinado a investigar os gêneros jornalísticos vigentes no caderno G, a partir da observação dos textos que são publicados em suas páginas. Pretende-se também analisar se o jornalismo cultural deixou de ser mais voltado a críticas e com textos mais elaborados e acabou se entrelaçando com a publicidade e o agendamento cultural. Assim, objetiva-se visualizar qual o padrão das publicações do Caderno G. Para a elaboração desse trabalho temos como principais autores Piza (2003), Barreto (2006), Gomes (2009). A partir das pesquisas realizadas constatou-se que há um déficit no Caderno G quando se de matérias que abordem um caráter opinativo e crítico. Algo que de certa forma da característica ao jornalismo cultural. E que há demasiado espaço para matérias do dito entretenimento.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural, Gêneros jornalísticos, Agendamento cultural.

INTRODUÇÃO

Os primeiros cadernos culturais só começaram a aparecer no Brasil no século XX, porém os assuntos relacionados à cultura já ganhavam espaço desde que jornalismo começou a tomar forma no país. No Correio Brasiliense considerado o primeiro jornal brasileiro, já existiam duas seções englobando temas culturais: “Comércio e Artes” e “Literatura e Ciências”. Considerada a primeira revista. As Variedades ou Ensaios de Literatura exemplifica a afirmação. Entretanto, com a evolução do jornalismo no Brasil, em especial o surgimento de grandes empresas nessa área essa editoria ganhou novos rumos.

Segundo Piza (2003), nas últimas décadas, a cultura está perdendo o espaço, ousadia e consistência. O empobrecimento desse segmento se deve à banalização de seu alcance. O

¹ Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo/Publicidade Faculdade Assis Gurgacz (FAG). rha_andrade@hotmail.com

² Professora orientadora. Graduada em Jornalismo pela Faculdade Assis Gurgacz (FAG) e em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre em Letras e Doutorado em Letras também pela UNIOESTE. francieleluzia@yahoo.com.br

jornalismo cultural brasileiro, que em sua origem apresentava textos mais elaborados e que muitas vezes serviu como apoio para publicações de livros de grandes autores da nossa literatura, com a era do agendamento cultural e do entretenimento, acabou de certa forma regredindo. No entanto, há os que ainda avaliam que o entretenimento pode ser considerado algo cultural na sociedade atual, tendo em vista os que vêm à cultura pura e simplesmente como um “espetáculo” de tudo o que está em evidência no “momento”. Claro que não podemos deixar de dizer que isso é cultura do “povo”. Mas muitas pessoas buscam algo mais rebuscado diariamente, querem matérias mais elaboradas com conteúdos diferenciados das agendas culturais propostos. Informações estas que englobem os mais diversos assuntos culturais do cotidiano tanto brasileiro quanto de fora do país, que enriqueçam o conhecimento.

Utilizando com base a história do jornalismo cultural dentro dos cadernos que são destinados à cultura no Brasil, o foco desse trabalho é apontar os gêneros jornalísticos que estão presentes nas matérias publicadas no caderno G da Gazeta Povo. Para que com isso possamos traçar um perfil editorial de tal segmento, visualizando se há ou não uma característica em comum entre as publicações, que são apresentadas aos leitores diariamente. Tendo em vista que ainda é um tanto quanto escassa a pesquisa dentro de tal segmento do jornalismo, não encontramos muitos estudos que se prédispõem a estudar os gêneros jornalísticos que estão presentes e de certa forma podem caracterizar o jornalismo cultural e essa forma segmentada na qual é trabalhada.

Para a elaboração desse artigo foram usados como principais referenciais teóricos: Piza (2003), Marques de Melo (1985), Barreto (2006) e Gomes (2009).

TRAJETÓRIA DO JORNALISMO CULTURAL

A palavra cultura abrange várias formas artísticas, mas define tudo aquilo que é produzido a partir da inteligência humana. Ela está presente desde os povos primitivos em seus costumes, sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e em tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas.

Cultura pode estar associada à educação e discussões sobre diversas manifestações artísticas como: teatro e as artes plásticas. Por outro lado, atualmente, ao se falar em cultura, podemos estar fazendo um paralelo direto com os meios de comunicação como: TV e o rádio. A cultura está sempre relacionada àquilo que caracteriza a existência de uma sociedade.

Dentre as definições de cultura há algumas segmentações; Cultura Popular se refere a tradições, valores, costumes de origem histórica; Cultura Erudita submissa ao capital está ligada ao lado mais elitista da sociedade; Cultura de massa a dita cultura popular, que podemos encontrar sendo de certa forma “imposta” pelas mídias em geral.

Segundo Piza (2003, p.12), o jornalismo cultural começa a surgir na Europa, a partir das mudanças ocorridas depois do Renascimento, sendo ele “dedicado às avaliações de ideias, valores e artes”.

A revista científica francesa *Journal des Savantes* pode ser considerada a publicação mais antiga dentro dos “padrões” do jornalismo cultural, pois apresentava, em seu conteúdo, resumos de livros, bibliografias de escritores mais conhecidos e artigos sobre ciências, filosofia e artes. A revista inglesa *The Spectator*, criada em 1711, também foi um marco nos periódicos do jornalismo cultural. Seu principal objetivo era levar à população informações que apenas a “elite pensante” tinha acesso. Tratando de assuntos como livros, costumes, política e festivais de música e teatro, sempre com uma linguagem “popular”, pois tinham como público alvo os moradores das cidades. Piza (2003) ainda faz a associação entre o seu surgimento e o crescimento dos centros urbanos; de certa forma, o despontar do jornalismo cultural está diretamente ligado ao crescimento das cidades.

A *Spectator* se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades do corpo e da mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais uma atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam (PIZA, 2003, p. 12).

No fim do século XIX, houve algumas mudanças no jornalismo cultural e a crítica feita nos jornais também sofreu alterações. O irlandês Grege Bernard Shaw representa o jornalismo cultural dessa época. Após uma carreira como romancista que não teve muito sucesso, e antes carreira de dramaturgo que fizera muito sucesso, trabalhava como crítico de arte, teatro, música e literatura. Piza (2003) relata ser Shaw o responsável pelo novo modelo do jornalismo cultural:

As críticas de arte saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muitos mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias (PIZA, 2003, p.17).

Na transição do século XIX para o XX, o jornalismo cultural começa a abrir espaço em suas páginas para a publicação de contos e folhetins. Para Strelow (2009), a abertura desse espaço para publicações do gênero ajudou na popularização do jornalismo cultural, pois as publicações diárias despertavam a curiosidade do leitor – fato que os levava ao consumo diário:

Para atrair a curiosidade do potencial assinante do jornal, os romances-folhetim eram publicados em partes, suspendendo sua ação dramática de tal forma que a solução do problema ou do enigma exigisse vários capítulos nos quais novos personagens e acontecimentos fossem surgindo. Como hoje fazem as telenovelas, alguns personagens ganhavam maior importância por imposição do público, histórias de sucesso tinham de ser estendidas, sem esquecer, é claro, o sempre presente entrelaçamento entre ficção e realidade. Desta maneira, conquistavam-se novos leitores e ampliava-se a abrangência do jornal (STRELOW, 2009, p. 6-7).

No século XX, o jornalismo cultural chega aos Estados Unidos e ao Brasil. Os Estados Unidos desenvolveram, principalmente, a crítica e começaram a surgir os grandes nomes nesse período. Edgar Allan Poe é um deles, tornando-se um nome influente e conhecido em seu país como crítico e ensaísta responsável por modernizar o ambiente intelectual da América.

Segundo Gomes (2009), em meados do século XX, o jornalismo cultural passa a ser dividido em duas “vertentes”, que estão presentes em suas editorias até hoje. O surgimento das publicações especializadas, como a revista *Cahiers du Cinéma*, lançada em 1952, que teve uma grande importância para o surgimento do movimento cinematográfico francês. A outra vertente é a estabilidade do espaço das críticas que influenciam o mercado artístico.

Piza (2003) destaca outras duas importantes mudanças: o crescimento das reportagens nas páginas destinadas à cultura e a forma que a crítica começou a ser tratada. “Não se tratava mais daquela presença algo sacerdotal, missionária, do esteta que prega uma forma de vida por meio de julgamentos artísticos e assim atrai discípulos” (PIZA, 2003, p.20). Foram essas mudanças que fizeram com que o Jornalismo Cultural crescesse no contexto mundial e se diversificasse, em gênero e estilo, ocupando assim o seu devido espaço dentro das segmentações do jornalismo.

O JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL

Os primeiros cadernos culturais só começaram a aparecer no Brasil no século XX. Porém, os assuntos culturais já ganhavam espaço e destaque desde que o jornalismo começou a tomar forma no país:

Basta vermos os títulos completos do nosso primeiro jornal, *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário* e da primeira revista, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Ambas as publicações pareciam livros – tanto o jornal, editado em Londres por Hipólito José da Costa entre 1808 e 1822 e distribuído clandestinamente no Brasil, quanto a revista, de que saíram dois números em Salvador em 1812, numa iniciativa do livreiro Manoel Antônio da Silva Serva. Entre as seções do *Correio*, figuravam “Comércio e Artes” e “Literatura e Ciências” (GOMES, 2009, p.12).

Os principais temas abordados eram o teatro e, em especial, a literatura. Nesse período em que o jornalismo começava a ganhar o seu espaço na mídia impressa diária, os escritores que não conseguiam publicar os seus livros recorriam à imprensa para que as suas obras fossem publicadas como folhetins. Autores como José de Alencar publicaram suas obras dessa forma; o romance *Cinco Minutos*, por exemplo, foi publicado em 1856 pelo jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Após todos os capítulos publicados, eles foram organizados e distribuídos aos assinantes como um “brinde”. A presença da crônica também foi uma grande influência para esse meio jornalístico/literário; já que esse gênero textual costumava relatar o cotidiano.

Clarice Lispector, porém, costumava fugir do padrão de relatar o cotidiano das pessoas e das cidades, pois seus textos eram mais pessoais e reflexivos. Pela mudança no estilo de fazer a crônica, podemos destacar Clarice como uma das principais cronistas de sua época.

Embora colunista, Clarice se afastava da figura clássica do cronista, que tem em Rubem Braga um de seus grandes representantes, alguém que trafegava entre o jornalismo e a literatura. Contudo, embora afastada da figura clássica do cronista, Clarice Lispector, a partir do uso da primeira pessoa em sua coluna, falou tão mais de perto ao leitor que ambos se tornaram confidente (BARRETO, 2006, p. 67).

Já entre 1940 e 1960, as críticas começaram a ganhar um grande espaço no jornalismo cultural brasileiro. Nesse período, destacaram-se Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux. Ambos tinham uma visão política mais sensata, um estilo ensaístico apurado e trabalhavam no *Correio da Manhã*. Nele também trabalhavam Graciliano Ramos (um dos redatores do jornal) e Carlos Drummond de Andrade (colunista); juntos, esses nomes ajudaram o jornal a estabelecer a sua fama de independente e bem escrito.

Com o surgimento do cinema e das radionovelas, em 1922, as páginas destinadas à cultura começaram a abordar assuntos mais relacionados ao cinema, e os folhetins foram naturalmente perdendo espaço. A *Gazeta de Notícias*, então teve a iniciativa de tratar o cinema como expressão artística em 1902. Com isso, materiais jornalísticos começaram a surgir para tratar especificamente do cinema. A revista *Cine Art* é uma delas, que, com a proposta de estabelecer uma reflexão de seus leitores sobre o cinema brasileiro, tinha em suas matérias um enfoque crítico, colocando em discussão modelos de filmes e filmagens.

Uma revista que Piza (2003) considera um marco no jornalismo cultural brasileiro no início das reportagens investigativas é *O Cruzeiro*. Foi fundada por Carlos Malheiro Dias e começou a circular em novembro de 1928, pelos Diários Associados circulou até 1975. Tratando de fatos relacionados ao cinema, esportes, saúde, a vida de famosos de Hollywood, política, culinária, moda e contava também com uma seção para charges.

Embora haja muita polêmica sobre os números – sua tiragem teria chegado a setecentos mil exemplares, mas apenas no número especial sobre o suicídio de Getúlio

Vargas em 1954 – e sobre os métodos suspeitos de reportagem (como as de David Nasser, em parceria com o documentarista Jean Manzon), o fato é que a revista marcou época, lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira. Nos anos 30 e 40, *O Cruzeiro* seria a revista mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público (PIZA, 2003, p. 32-33).

Com o surgimento das revistas especializadas, os jornais impressos começaram a sofrer reformulações ao longo do século XX. Por mais que nessa fase de renovação o jornal *Correio da Manhã* tenha tomado a iniciativa, o que mais se destacou e acabou se tornando precursor foi o *Jornal do Brasil*, com o *Caderno B*.

O forte do *Correio da Manhã* era a opinião. No JB, que começara a modernização em 1956, deu-se mais valor à reportagem e ao visual: ali foi praticamente instituído o lide no jornalismo brasileiro, graças à direção de Jânio de Freitas. E logo em seguida o lendário *Caderno B* é criado, com edição de Reynaldo Jardim e diagramação de Amílcar da Castro, e se torna o precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro, com crônicas de Clarice Lispector e Carlinhos de Oliveira, crítica de teatro de Bárbara Heliadora e outros trunfos (PIZA, 2003, p. 36-37).

A criação do *Caderno B* serviu também como base para muitos outros jornais que optaram por adicionar em seus periódicos essa segmentação.

Os cadernos culturais se transformaram em objeto de desejo da maioria dos jornais brasileiros depois que foi criado o *Caderno B*, do *Jornal do Brasil* [...] O *Caderno B*, que apresentava textos criativos e uma diagramação arrojada, surgiu destinado a tratar de cultura e para ser, mais do que isso, um produto cultural (BARRETO, 2006, p.66)

O Jornalismo cultural começou a ganhar a sua forma atual na segunda metade do século XX, tendo como principais características os comentários sobre o cotidiano cultural (normalmente apresentados nos cadernos diários) e as coberturas mais aprofundadas para as edições de fim de semana. Juntamente com isso, começam a surgir algumas revistas que buscavam abordar uma cobertura cultural mais diferenciada. Entre essas, podemos destacar a revista *O Pasquim*, que fora bem aceita pelo público, mas não resistiu por muito tempo nesse período ditatorial.

Na década de 1990, há uma retomada das revistas culturais que abordavam as artes em geral, com um formato de diagramação e linguagens mais especializadas. A revista *Bravo* e *Cult* são as que merecem destaque por terem sido lançadas em 1997 e estarem no mercado até o presente momento. A primeira, inicialmente publicada pela editora D'Ávila, foi comprada pela Editora Abril em 2006. Hoje é a revista de cultura mais vendida do país, sendo um dos principais sucessos da Abril, já que inicialmente não indicava retorno financeiro para a editora. Já a *Cult* é publicada pela Editora Bregantini, que a adquiriu em 2002, e possui tiragem de 25 mil exemplares por mês.

PERSPECTIVA BRASILEIRA DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Segundo Marques de Melo (2003), a primeira subdivisão de gêneros jornalísticos foi elaborada no século XVIII, pelo editor inglês Samuel Buckeley, que os separou em *news* e *comments*, no Daily Courant. Nos Estados Unidos, utilizou-se a princípio os gêneros *comments* e a *story*. Já nos gêneros jornalísticos latinos pode-se encontrar mais de dois gêneros.

No Brasil, a pesquisa em relação aos gêneros começou na década de 1960 a partir da seguinte trilogia: Imprensa informativa, Jornalismo Interpretativo e Jornalismo Opinativo. O texto de Luiz Beltrão sobre o jornalismo opinativo é considerado um dos pioneiros no Brasil, que categoriza esse gênero jornalístico a partir da nossa realidade proporcionando uma base para outros pesquisadores. No Jornalismo Opinativo, Luiz Beltrão (1980) lança as bases fundamentais para a prática desta modalidade jornalística no Brasil. Beltrão preocupava-se em ensinar a prática jornalística de acordo com a realidade sócio-político cultural brasileira.

Dessa forma, Beltrão sistematiza as categorias opinativas de maneira didática e inteligível aos estudantes e profissionais da área. Segundo Mello (1985) temos a seguinte classificação de Beltrão: Jornalismo Informativo (que compreende os seguintes subgêneros: notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem); Jornalismo Interpretativo (Reportagem em profundidade) e Jornalismo Opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

Melo também (1985) apresenta vastas pesquisas acadêmicas, que resultaram em trabalhos voltados ao campo teórico dos gêneros. O autor publica *A opinião no Jornalismo Brasileiro*, em 1985, como resultado de sua tese de livre-docência, na qual propõe uma alteração nas categorias propostas por Beltrão. Segundo Melo (1985), temos a seguinte classificação: Jornalismo Informativo (Nota, notícia, reportagem, entrevista); Jornalismo Opinativo (Editorial, Comentário, artigo, resenha/critica, coluna, crônica, caricatura, carta).

Para Seixas (2004), ambas as propostas estão fundamentadas no critério de: finalidade do texto, estilo, natureza estrutural, natureza do tema e cultura.

A maioria dos autores que trabalhou na classificação dos gêneros jornalísticos esteve baseado na separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas, pela relação do texto com a realidade (opinião e informação) e deu vazão ao critério de intencionalidade do autor, que realiza uma função (opinar, informar, interpretar, entender) (SEIXAS, 2004, p. 3).

Para a elaboração e análise desse artigo utilizamos os gêneros jornalísticos propostos por Gomes (2009) em seu livro *Jornalismo Cultural*, no qual o autor faz um levantamento dos gêneros jornalísticos que caracterizam o jornalismo cultural.

O jornalismo cultural faz uso de dois gêneros de texto: os informativos, cuja prioridade é contar ao leitor algo que ele não sabe, e os opinativos, cuja ênfase é apresentar ao leitor a opinião do jornalista sobre uma obra ou evento cultural (GOMES. 2009, p. 8).

Segundo Gomes (2009) o jornalismo cultural se utiliza de dois gêneros em seus textos: o informativo, que tem como principal função levar aos leitores informações que ele ainda desconhece e o opinativo o qual apresenta no texto a opinião do jornalista. Deu-se então a seguinte classificação gêneros que de certa forma caracterizam a forma com que o jornalismo cultural é trabalho nos veículos impressos.

Gênero Informativo	Gênero Opinativo
Nota	Comentário
Notícia	Crítica
Entrevista	Ensaio
Reportagem	
Resenha	

Para Gomes (2009) todos os subgêneros presentes no gênero informativo, pode-se encontrar nas outras segmentações do jornalismo com exceção as resenha. Já os subgêneros que estão relacionados ao gênero opinativo, são exclusivos da segmentação cultural do jornalismo. Gomes (2009) ainda ressalta que podemos considerar ao gênero informativo o agendamento (programação cultural) que encontramos com frequência nas segmentações destinadas à cultura.

As editorias culturais surgiram com o propósito de reunir textos sobre assuntos relacionados à cultura. Esses espaços foram pensados não apenas para informar, mas, também, para serem ocupadas pela crítica, como forma de dar destaque as manifestações artístico-culturais (BASSO, 2005). Porém, com o passar do tempo, esse jornalismo tomou novas formas.

A CULTURA EM PORÇÕES DIÁRIAS

A partir das definições e do embasamento teórico citados nos tópicos acima, partimos então para o nosso objeto de estudo.

Considerado o maior jornal do Paraná, a *Gazeta do Povo* tem circulação estadual diária e sua sede em Curitiba. Foi fundada em 03 de fevereiro de 1919 e é publicada pela Editora Gazeta do Povo S.A., do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM). O jornal é desdobrado em quatro cadernos diários, mais classificados e alguns suplementos semanais.

O objeto de estudo desse artigo é o *Caderno G*, que é um dos segmentos diários do jornal *Gazeta do Povo*. A princípio, começou circular como uma coluna intitulada *Cultura G*, em 1992; só em 1994 passou a ser um caderno diário, tendo como principais pautas assuntos culturais como música, cinema e teatro, sem deixar de lado o agendamento cultural, mostrando o que se passa nos principais cinemas do Paraná e também o entretenimento televisivo. Para esse estudo, selecionamos o período entre 04 a 12 de março de 2012. Juntamente com a edição do caderno G de 12 de março de 2012, foi veiculado um caderno especial no qual tinha como tema o Festival de Teatro de Curitiba, no qual se propõe a ser uma espécie de guia para os leitores que se interessam pelo tema, para a seleção de oficinas, horários de peças da programação do festival. Essas matérias não foram analisadas.

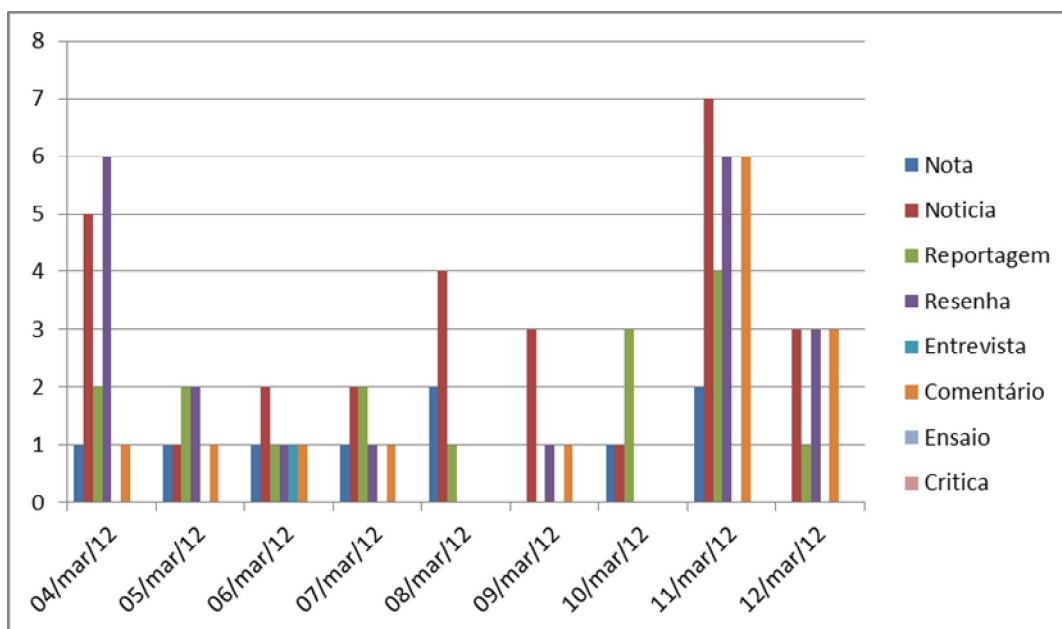
Dentro do período estudado, visualizamos que há uma variação na paginação do caderno, podendo ser de 04 a 08 páginas, dependendo da edição. As matérias transitam entre várias vertentes culturais, como música, cinema, literatura entre outras.

É possível identificar a ponte entre o jornalismo cultural feito dentro do caderno G, com os primeiros cadernos culturais do Brasil, pois ainda conseguimos encontrar resenhas, crônicas e o próprio diálogo com o leitor como visualizamos na reportagem: "*Ai Ai Ai – A gente é um e cada um não tem um outro igual*". O jornalista Luiz Carlos Oliveira começa seu texto assim: "Pegue uma música simples, com uma letra fácil, parecidas com aquelas canções ingênuas que se fazia antigamente, que todo mundo cantava e assoviava". É essa conversa com o leitor, que faz com que eles acabem se interessando mais pela leitura, e o querer saber o que vem depois. A maneira diferenciada da escrita "formal" também faz parte da ponte com o jornalismo cultural do passado. Fazendo uma ponte de proximidade entre o leitor, a matéria e o jornalista, que buscando utilizar "ferramentas" do cotidiano de quem busca as informações diariamente.

Encontramos um espaço demasiadamente grande dentro das páginas do Caderno G, o qual é destinado para o agendamento tanto televisivo quanto cinematográfico (dos principais cinemas do Paraná). Segundo Gomes (2009), esse material pode ser enquadrado nos gêneros informativos. Já segundo Barreto (2006), a presença do agendamento no jornalismo cultural fez com que houvesse um empobrecimento nessa segmentação que acabou igualando o jornalismo cultural brasileiro com as produções norte americanas.

Totalizando 86 matérias, publicadas na semana em que destacamos, considerou-se oportuno organizar os gêneros jornalísticos que estão presentes nas matérias publicadas diariamente no caderno G, conforme a predominância de cada um. O gênero com maior predominância textual é o informativo, tendo 74 matérias com as características de seus respectivos subgêneros. Já o gênero opinativo ocupou apenas 10 das matérias presentes nessa análise.

No gráfico é possível visualizar a incidência de cada subgênero nas edições analisadas.



Gênero Informativo

Percebemos que o subgênero notícias (apresentação de um fato “inédito” tendo como principal característica o uso do lead) é o que mais esteve presente nessa semana, totalizando 28 matérias. Em seguida, resenhas (podendo conter breves avaliação, o texto os pontos de maior interesse da “obra”), com 20 matérias. Já as reportagens (interpretação da notícia, apresentando fontes diversificadas e podendo ter vários assuntos relacionados entre si) foram oferecidas os leitores em um total de 16 matérias. As notas (informações breves, sem a necessidade de ser sobre os acontecimentos do momento) apareceram nas páginas do caderno por 9 vezes. E encontramos apenas uma matéria que se enquadra como entrevista (reprodução do diálogo do jornalismo com a fonte).

Gênero Opinativo

Dentro dos gêneros jornalísticos que Gomes (2009) classifica como opinativo, encontramos apenas o comentário (uma forma de levar aos leitores os fatos cotidianos de forma rápida e resumida). Foram encontradas 10 matérias que contêm as características definidas por ele como comentário. O estilo de escrita que Gomes (2009) classifica como ensaio (texto extenso o qual pode conter vários enfoques que servirão para analisar o tema em questão), também não está presente nas páginas analisadas. Pizza (2003) relata que a crítica tem “papel de formar o leitor, de fazê-lo pensar em coisas que não tinha pensado (ou não tinha pensado naqueles termos), além de lhe dar informações”. Porém, não encontramos matérias que podemos classificar como crítica (constitui-se em fazer uma análise das obras de arte, produtos culturais entre outras. Com a finalidade de servir como guia para os consumidores) nas edições que esse trabalho se dispôs a analisar. Embora Gomes (2009) não relacione a crônica como um dos gêneros que definem o jornalismo cultural, dentro do período no qual analisamos encontramos duas matérias com as características textuais de uma crônica. Esse gênero textual já foi de certa forma fundamental no período de “inicialização” do jornalismo cultural. Tal maneira de escrever, como já foi dito anteriormente, revelou muitos nomes de destaque da nossa literatura. E parece que agora (pelo menos nas páginas do caderno G) esse gênero foi esquecido.

O fato de muitos subgêneros do jornalismo opinativo ocuparem um percentual menor nas matérias que são publicadas no caderno G da *Gazeta do Povo* nos faz refletir em relação ao que os cadernos culturais, e em que eles tem se tornado com o passar dos anos. Certamente houve um “empobrecimento” nos textos que são levados aos leitores; os jornalistas apenas repassam as informações. Não há mais o aspecto crítico dominante que Pizza (2003) defendia.

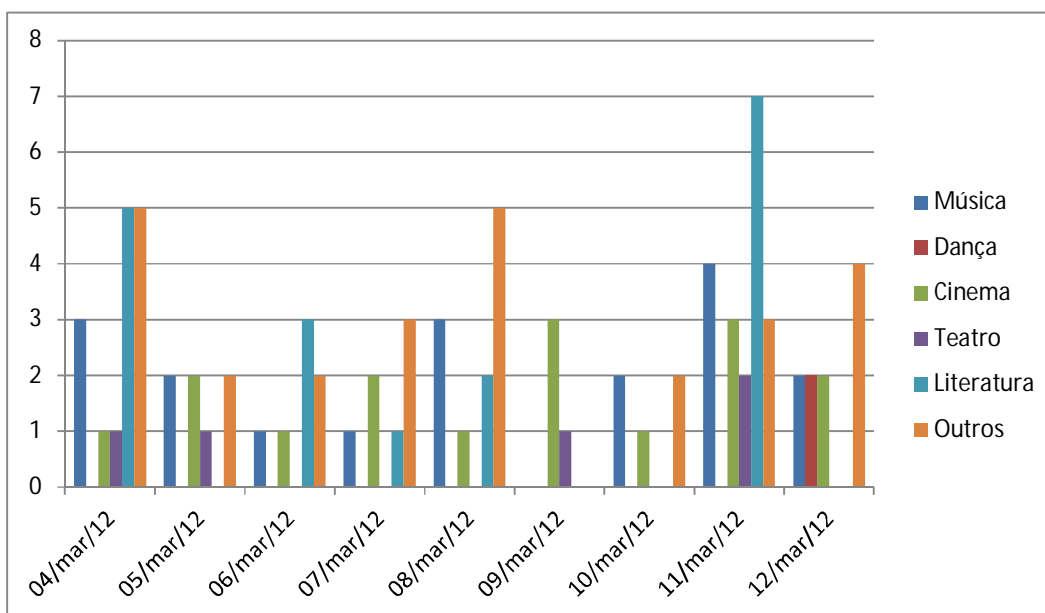
Olhando para a questão mercadológica, é possível visualizarmos o que faz ser tão grande a disputa entre o material cultural e o de entretenimento. Novas tecnologias são lançadas a todo o momento no mercado, fazendo com o leitor tenha uma gama enorme de fontes para pesquisar sobre os assuntos que lhes interessam. Isso fez com que a demanda para a produção jornalística se adaptasse à realidade do século 21. Segundo Assis (2008) a ordem, agora, é resumir em poucas linhas as informações necessárias para a compreensão de dos fatos, e mesmo os conteúdos críticos não dispõem de grandes espaços para serem desdobrados.

Já a questão da superficialidade textual pode ser explicada a partir de algumas pistas já encontradas por profissionais e pesquisadores. Seus principais apontamentos dizem respeito à rotina dos cadernos diários (PIZA, 2003); os mesmos acabam não se aprofundando nos assuntos nos temas que estão abordando. Ao que tudo indica, o superficial é resultado de pautas

elaboradas com base em “achismos”, sem opinião fundamentada e que valorizam as celebridades e os relatos de eventos. É reflexo do pouco espaço físico para o jornalista refletir em cima de sua abordagem (haja vista a redução do número de linhas utilizadas para cada texto) é, ainda e, sobretudo, a falta de preparo dos jovens profissionais (RODRIGUES, 2001).

As pautas das edições diárias do Caderno G não indicam uma temática fixa, exceto naturalmente aquelas que formam a estrutura básica do suplemento (horóscopo, programação televisiva, palavras cruzadas, programação de cinemas) de forma que as matérias das edições trataram alternadamente de artes plásticas, cinema e literatura, teatro, independentemente do dia da semana em que foram publicadas.

No gráfico abaixo é possível visualizar a incidência de cada tema nas matérias publicadas na semana estudada.



Durante a semana estudada houve a incidência de outras pautas como as artes plásticas e quadrinhos, estando presente em 26 matérias. Percebemos também que música e a literatura ocuparam o mesmo patamar, totalizando 18 matérias. Foi possível perceber que o cinema esteve presente em matérias durante toda a semana e o resultado disso é que o tema foi trabalhado no caderno 16 vezes durante o período destacado. A dança teve esteve presente nas matérias apenas duas vezes nas paginas do caderno G da semana escolhida.

Percebemos que durante a período analisado a maioria das matérias relacionadas à música são de produções locais e quando o assunto foi um evento de maior amplitude, as matérias sempre são direcionadas a realidades locais. O mesmo aconteceu com as matérias relacionadas

ao cinema, normalmente foram apresentados aos leitores resenhas, notícias sobre os filmes que estão em cartaz em Curitiba e região. E os que mais causaram repercussão nas grandes mídias. As matérias relacionadas ao teatro, só exclusivamente locais, sendo predominante na forma de notícias. Já com as pautas que se referem à literatura, visualizamos que em sua maioria, são resenhas de livros e matérias relacionadas a lançamentos de livros e sobre escritores em destaque. Nas matérias que foram enquadradas na enquete como pertencentes a outras manifestações artístico-culturais, percebemos que houve uma grande diferenciação nos estilos e formas de cada matéria. Em relação à única matéria que foi encontrada e que tiveram como pauta a dança, elas são exclusivamente de produções curitibanas.

Visualizamos que normalmente as matérias de maior destaque estão na capa do caderno. Das capas analisadas, quatro contêm informações e estilos de escrita que classificamos como reportagens. Destacamos algumas: *A Falta que fazem os laureados* (a matéria relata dificuldade de se encontrar livros de um escritor com Nobel em literatura nas bibliotecas públicas do Paraná); *Uma Saga anarquista* (relata detalhes sobre a minissérie Colônia Cecília que foi ao ar em abril na Revista RPC); *Excesso de ídolos à disposição* (a matéria traz informações sobre os shows internacionais que acontecem no Brasil no primeiro semestre de 2012). A única entrevista que encontramos em todas as edições que analisamos também está destacada como “matéria de capa”, intitulada: *Los Hermanos vem matar a saudade* (a matéria é com o tecladista Bruno Medina, e trata da turnê que a banda faz durante esse ano, o show deles no Lupa Luna). Na edição de 07 de março de 2012, temos duas matérias. A de maior destaque é a notícia sobre a 1ª Mostra de Documentários de Mulheres, intitulada *Boa razão para falar sobre o feminino*. E a resenha sobre a sessão especial do dia das mulheres na Cinemateca de Curitiba, na qual foram exibidos três documentários. A edição do dia 09 março de 2012 além de ter o formato diferente e ter o prefixo fim de semana, traz em sua capa a foto de filme: *Entre dois Mundos*. A capa da edição de 10 de março de 2012 apresenta apenas uma chamada para a matéria principal, e tem como complemento: G Ideias. Já na edição de 12 de março de 2012 temos um comentário sobre como a Globo tem se “inspirado” na nova classe C.

Visualizamos também que na parte superior do caderno, sempre encontramos um breve notícia sobre manifestações culturais. Só estiveram fora desse padrão as edições de 04, 09 e 10 de março de 2012.

Nas demais matérias publicadas Caderno G, encontramos uma grande variação em relação aos temas. Visualizamos que o caderno prioriza as produções locais, as matérias então caminham entre as vertentes culturais: música, cinema, teatro, dança entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos analisados fazem parte de uma fatia pequena da realidade do jornalismo cultural na imprensa brasileira. O jornalismo cultural é uma esfera pública e seus temas ultrapassam os limites exclusivos do entretenimento e da cultura de massa, constituindo-se em um território de reflexão e crítica, mais que simplesmente entretenimento.

Os resultados aqui apresentados levam a crer que o jornalismo que se destina a tratar de assuntos relacionados à cultura no jornal impresso, mais especificamente no *Caderno G*, não passam de um mero informe à população. Há uma lacuna grande nessa segmentação, no que se diz respeito a espaço ao conteúdo crítico.

Percebemos que há uma gama enorme de pautas relacionadas à cultura, e a serem trabalhadas dentro do caderno G, isso faz com que ao querer mostrar um pouco de tudo o que acontece nesse meio, o jornal acabe optando por matérias mais curtas, que tragam as informações principais, sem o aprofundamento necessário para tal editoria. Muitas vezes percebemos que tal segmentação é tratada com certo descuido, por quem a elabora, pois interessados apenas no entretenimento e na cultura de massa, se esquecem de que muitos leitores buscam informações de qualidade.

Por ser um jornal com sede em Curitiba, percebemos que grande parte das matérias são destinadas a produções locais, e quando não, a produções, eventos, que estão em evidência em todo país. Esse regionalismo pode ser considerado positivo, afinal o jornal acaba por filtrar as informações que seriam mais relevantes aos leitores. Quando o jornal se propõe a trazer aos leitores algo que está presente em seu cotidiano, isso acaba por estimular os leitores a sempre consumir informação de tal fonte. Por outro lado, isso acaba por limitá-los em relação a outros possíveis interesses que possam vir a ter, fazendo com que os mesmos tenham que procurar por conteúdo em outros locais.

Podemos considerar os apontamentos que utilizamos nesse artigo, para a classificação dos gêneros e conteúdos que estão presentes no *Caderno G* da Gazeta do Povo, como passos iniciais para uma classificação mais aprofundada dentro dos gêneros e formatos vigentes no jornalismo cultural brasileiro. Estudos com esse foco ainda tem muito espaço, e há uma crescente busca de materiais que possam dar embasamento teórico para pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco. **Gêneros e formatos do jornalismo cultural**: vestígios na revista Bravo! Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0421-1.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2012

BARRETO, Ivana. **As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/08IvanaBarreto.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.

BASSO CORTI, Eliane Fátima. **Revista Senhor**: Jornalismo cultural na imprensa brasileira. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Basso.pdf> Acesso em 05 mar.2012

CALDAS, Álvaro; CALLADO, Ana Arruda. **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

CUNHA ANTUNES, Leonardo; FERREIRA TEIXEIRA, Nísio Antônio; MAGANHÃES VIERIRA, Luiz Henrique. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em 01 abril. 2012

GOMES, Fábio. **Jornalismo Cultural**. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>>. Acesso em 24 mar. 2012.

LEAL REGÔ BARROS, Ana Regina. **Gêneros Jornalísticos** - análise dos jornais .O Estado de São Paulo e Diário de São Paulo. Disponível em : <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/G%C3%AAneros_jornal%C3%ADstico_san%C3%A1lise_dos_jornais_%22O_Estado_de_S%C3%A3o_Paulo%22_e_%22Di%C3%A1rio_de_S%C3%A3o_Paulo%22> Acesso em 30 mar.2012.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO MARQUES, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, S. Tendências contemporâneas do jornalismo cultural. In: DINES, A. (Org.). **Espaços na mídia**: história, cultura e esporte. Brasília: Banco do Brasil, 2001.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEIXAS Lia. **Gêneros jornalísticos digitais**: um estudo das praticas discursivas no ambiente digital. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/liaseixas2004.doc>> Acesso em: 15 abril 2012

SEIXAS Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/36>> Acesso em: 10 abril 2012

SILVA MACHADO, Juremir. **A Miséria do Jornalismo Brasileiro**: As (in) certezas da mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

STRELOW, Aline. **Jornalismo literário e cultural**: Perspectiva histórica. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/bocc-streLOW-jornalismo.pdf>>. Acesso em 28 mar.2012.

TEIXEIRA, Selma Suely. **Jornalismo Cultural**: Um Resgate: Aramis Millarch / José Carlos Zeca Corrêa Leite / Reynaldo Jardim. Gramofone 2007